

O Fantástico
PARADOXO
de OURO
FUNDO



J. Eff

O Fantástico
PARADOXO
de OURO
FUNDO

autografia

Rio de Janeiro, 2018

O fantástico paradoxo de Ouro Fundo

J. Eff

isbn: 978-85-518-0000-0

1ª edição, agosto de 2018.

capa e editoração eletrônica: Carol Palomo

Editora Autografia Edição e Comunicação Ltda.

Rua Buenos Aires, 168 – 4º andar, Centro

rio de janeiro, rj – cep: 20070-022

www.autografia.com.br

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem
prévia autorização do autor e da Editora Autografia.

Agradecimentos

Mais do que agradecimentos especiais, credito a execução dessa obra e todo o seu sucesso àqueles que fizeram e fazem muito mais do que me apoiar nesta jornada, desde a mera menção da ideia até o calejar da ponta dos dedos no último ponto final. Pessoas sem as quais, não tenho dúvida, este projeto tão precioso a quem o escreveu, seria apenas mais uma de tantas e tantas histórias que povoam o universo fantástico de uma engrenagem mental.

A minha eterna companheira e amada esposa, Islândia, por quem nutro um amor crescente a cada dia. Que me encantou e me apaixonou desde o primeiro cumprimento e continua a fazê-lo a todo momento.

A minha mãe, Catharina, cujo incentivo incondicional precede minha vaga memória. Seu apoio materno e sempre a impulsionar-me a voos maiores do que crê minha autoconfiança, por vezes subestimada.

A meu pai, Lúcio, pelos livros de faroeste que passeavam pelos bolsos de suas calças, visíveis o bastante para despertar minha infantil curiosidade e me mostrar o mundo das palavras desde quando eu era novo demais para muito entender.

A minha irmã, Rafa, e seu sempre desmedido esforço e sacrifício em prol das minhas maiores aventuras. Tantas vezes embarcando nas mais arriscadas peripécias, de barris rolantes em um quintal ensolarado a audaciosos projetos, executáveis ou não. Onde a única certeza era seu apoio e confiança.

A minha irmã caçula, Nayara, e sua incalculável admiração que, merecida ou não, sempre me força a tentar ser mais do que sou para poder corresponder à altura.

A Botas e sua total honestidade, “doa a quem doer”, suas correções infalíveis e sua companhia inseparável nesta viagem, até a última estação.

A Lary e sua deliciosa lealdade, afabilidade e loucura, abrindo seu universo fantástico de criaturas ditas reais a enriquecer ainda mais minha mente criativa.

A Wania, por compartilhar seu dom e dividir suas incríveis histórias; tecendo as suas enquanto acompanhava as minhas.

A Hemilly “M” e sua eufórica leitura, mergulhando de cabeça na tinta de cada palavra escrita, cujo apreço e dedicação são muito mais que merecidos.

A Bia e Jessy, amigas que estiveram presentes iniciada a viagem, mas que desceram antes do fim da linha, mas que enquanto acompanharam o trajeto em muito contribuíram com um incentivo imenso a cada página lida, ameaçando-me caso não escrevesse logo o capítulo seguinte.

A Jacqueline e suas tímidas críticas e imagens de blusas que um dia serão estampadas.

Àqueles que quase fizeram parte integrante da trupe, mas que contribuíram com suas ideias e discussões quando tudo ainda era embrionário: Filipe e Cabral.

A alguns que, com suas críticas e desafios deram grande incentivo, querendo ou não, como Misael e seus ácidos comentários, tantas vezes me tirando do sério.

Ao amigo André, cujo trilho por tantas vezes se cruzou ao meu no esboçar de tantas histórias que ainda hão de ser contadas.

Aos amigos do Mauá que ajudaram cada qual com sua peça a montar meu vasto universo imaginário.

Aos que chegaram no final da primeira jornada, ainda que a tempo de me render o fôlego que eu precisava e até hoje inflam as velas deste barco me levando cada vez mais longe, como a Taize, Vanessa e as meninas super poderosas do Livro Viajante, projeto que fez meu livro voar alto de mão em mão enquanto recebia a marquinha linda de cada uma!

A Babi e sua imensa generosidade e dedicação, cujo amor pela leitura fez deste pequeno livro mais um dos seus infindáveis filhos, dos quais ela cuida com inigualável carinho.

E a todos aqueles que não foram mencionados em um precíval papel, mas que fazem parte indelével do meu compartilhado carinho. Cada viajante que esteve e ainda está presente neste vagão é contribuinte e responsável pela fantástica viagem nas profundezas da minha mente.

A todos vocês, nomeados ou não: muito, muito, muito obrigado!





Uma noite sem lua enlutava tenebrosamente a adormecida Ouro Fundo, capital de “lugar nenhum” e incrustada num pequeno pedaço de terra no meio do nada. Ainda que alheios à vida que pudesse existir muito longe daquela cidade esquecida, não raro alguns dos seus habitantes vislumbravam aventuras mesmo diante do completo marasmo onde quase nada, quase nunca acontecia. Mas aquela sombria madrugada de certo modo mudaria tudo. Para sempre.

Beatriz Torres e seu ousado companheiro de trabalho entraram silenciosamente no Centro Educacional de Ouro Fundo. A escuridão local tornava a incursão ainda mais tenebrosa enquanto os dois esgueiravam-se pelas paredes. Após atravessarem um corredor margeado de salas, chegaram próximos a um auditório onde já podiam ouvir um diálogo acalorado. A jovem abriu lentamente sua mochila, retirando uma máquina fotográfica, pronta para registrar o que presenciaria ao dobrarem o corredor seguinte. Fez sinal para que o outro esperasse e se aproximou um pouco mais. Sua calça de um jeans escuro surrado e a blusa preta sem mangas permitiam um quase ofuscar entre as sombras das pilastras ao redor. Antes de prosseguir, a jovem puxou o gorro que cobriu seus longos cabelos negros

e sombreou seu rosto alvo. Por fim, Bia respirou fundo, contendo o ar nos pulmões, e esgueirou-se com a câmera junto ao rosto para o registro que provaria sua teoria. Antes que pudesse fotografar, porém, foi tomada por um pavor paralisante. E, diante de seus castanhos olhos arregalados, um evento inexplicável se consumava. Uma forte luz emanava, dispersando uma energia descomedida que em instantes eclodiu expandindo-se e atingindo tudo o que tocava. O grito vindo do centro da luz foi abafado pelo devastador som de uma explosão fazendo a garota voar e atingir uma das paredes. No mesmo instante tudo começou a tremer e ruir. Rachaduras espalhavam-se como artérias, abrindo caminho através dos pilares e paredes rumo ao teto, revelando um inevitável desmoronamento prestes a soterrar os incautos visitantes. Inclusive a ainda atordoada Beatriz Torres.

Sente-se perdido? Deslocado, quem sabe? Bem, talvez a descrição fúnebre deste trágico acontecimento não seja a melhor forma de começar esta fantástica história. Então me permita voltar um pouco e começar... pelo começo, na falta de uma expressão mais apropriada.



Ato I
Cataclismo minimalista





Capítulo 1

Durante minha longa jornada fui chamado por diferentes nomes. Nenhum deles teve tanta representação quanto o último: Menestrel. Mas como todas as histórias que conto esta não é sobre mim, embora me sinta mais presente do que em todas as outras. De todo modo, é uma história esquecida sobre uma menina esquecida em um mundo esquecido. É sobre como, aquém dos reles fatos, algo tão pequeno pode mudar o mundo. Afinal de contas: que mundo é maior do que aquele que cada um carrega dentro de si?

Naquela noite em específico Anarina Bella Torres discutia acaloradamente com sua irmã. E antes que me pergunte, permita-me elucidar de uma vez a questão que lhe veio à mente neste momento: “Que tipo de nome é Anarina?” Pois bem, há exatos quatorze anos vinha ao mundo uma pequena menina de ralos cabelos vermelhos e sardas no rosto inteiro. O casal passara os últimos meses da gestação discutindo qual seria o nome da criança por nascer. Se menino a escolha era unâni-

me: se chamaria José Carlos. Mas quando receberam a notícia de que era uma menina, foi revivida a discussão antiga. Seu pai insistia em chamar de Ana, em homenagem à mãe falecida. A mãe, porém, também tinha sua própria mãe falecida, Catarina, a quem considerava digna da mesma honra. Ante o impasse prolongado até o local de registro, coube ao escrivão a brilhante (ou não) ideia de uma dupla homenagem. E assim surgiu o exclusivo nome “Anarina”, carregado pela garota sem tanta honra, há quatorze anos. Agora então podemos voltar à atual questão: a acalorada discussão entre Anarina e sua meia irmã mais velha, Beatriz, mais comumente conhecida como Bia.

– Não quero desculpas! Eu quero você aqui até as oito! É perigoso lá fora. Não vou escrever uma tragédia sobre minha própria irmã na capa do jornal – gritou Bia diante do fogão, enquanto gesticulava girando a concha do purê acima da cabeça.

– Eu já sou bem grandinha! Sei me virar! Não preciso de você! – rebateu Anarina de pé, cerrando os punhos enquanto seus olhos azuis faiscavam uma raiva destilada.

– Mamãe te deixou sob meus cuidados. Eu trabalho dia e noite para te dar tudo o que ela sempre sonhou para você... para nós! E até que se torne uma adulta responsável você vai me obedecer! – Apontou a concha em riste devolvendo o olhar, enquanto, com a outra mão, tentava afastar do rosto as negras madeixas que insistiam em lhe cobrir os olhos.

– Isso é o que você diz! Você nunca vai ocupar o lugar dela! Você não é minha mãe, ouviu? E eu te odeio! – Vociferou ainda

mais alto enquanto corria para seu quarto, com seus esvoaçantes cabelos avermelhados. No trajeto chocou-se contra a mesa que separava as duas e derrubando o copo de suco sobre o prato de comida que sua irmã havia acabado de pôr para ela. Bia ainda estava paralisada, com a mão erguida apontando a concha para o vazio enquanto seus olhos marejavam, tornando a visão turva. Em silêncio, a jovem terminou de despejar uma última concha de purê sobre o prato em sua mão, repousou-o sobre a velha mesa de madeira centralizada ao meio da pequena cozinha, arrastou a cadeira e sentou-se, com a lentidão de quem remoía pensamentos perturbadores. Encarou a pequena montanha amarelada que preenchia o prato sob sua cabeça baixa e não tentou conter a primeira lágrima a gotejar sobre a janta que não seria tocada. Tentar digerir as últimas frases de sua irmã não deixava espaço em seu embrulhado estômago para mais nada. Reconstituindo-se a jovem enxugou o rosto, recolheu os pratos e ateu-se à rotina de limpar a cozinha enquanto sua memória a levava para uma sofrida viagem ao passado.

Bia tinha apenas três anos quando seu pai, Bernardo Torres, chegou a Ouro Fundo somente com ela em seus braços e um sonho em sua mente. Atraído pela promessa de ouro, o minerador largara sua antiga cidade logo após a morte de sua esposa. Perdido com uma chorosa criança faminta chamou a atenção da então jovem Clara Bella, que prontamente recebeu os forasteiros e acomodou-os na humilde pousada de sua avó. A ausência do conforto bem como o impregnado odor de nafalina era recompensado pelo abrigo da noite fria e o delicioso prato de lentilhas. Naquela noite, Bernardo e a pequena Bia

encontraram a proteção de um lar. E conforme o tempo passava forjava-se um forte laço afetivo entre Bernardo e Clara. Poucos meses depois os dois se casaram, em uma cerimônia simples e com poucos convidados. Após um ano nascia a pequena Anarina, com toda a divergência já mencionada em torno do seu nome. Bia tinha dez anos de idade e Anarina seis quando Bernardo decidiu viajar para outra cidade em busca de ouro. Prometeu retornar em um ano, trazendo uma vida melhor para sua família. Mas os anos passaram e a completa ausência de notícias fez com que as três perdessem a esperança. Bia tinha dezesseis anos quando sua mãe adoeceu severamente. Coube a ela, como a mais velha, cuidar das ocupações de Clara nos meses em que passou acamada, definhando a cada dia; um importante treinamento para os anos à frente. A jovem ainda sentia o toque gelado da mão materna quando esta, em suas últimas palavras, pediu pra que cuidasse da irmã caçula. Em um sussurro disse que as amava e, no instante seguinte, Bia sentiu todo o peso de estar só no mundo. E toda a responsabilidade de cumprir com a promessa de cuidar da amada (e rebelde) meia-irmã.

Já era madrugada quando Bia passou à frente do quarto de Anarina. Ergueu a mão e tocou a madeira fria da porta fechada. A cabeça seguiu o gesto, tocando-a com a testa enquanto, de olhos fechados, sussurrou um “Eu te amo” seguido de um murmurado “boa noite”. Não houve resposta alguma, restando-lhe se recolher para o antigo quarto dos pais, agora o seu, onde se revirou na cama até que o sono venceu a tristeza e a preocupação.

Deitada em sua cama, no silêncio da madrugada, Anarina tentava, sem sucesso, adormecer. O que mais a incomodava, porém era outra falha tentativa: a de lembrar-se do rosto do pai, a quem ela ainda aguardava, mesmo que a mera ideia fosse risível. Aguardava que a qualquer momento ele entrasse novamente pela porta, com seu doce favorito e o inconfundível sorriso estampado no rosto. Um sorriso que ela sabia ser tão marcante. Não lembrá-lo era um tormento. As lágrimas molhavam o travesseiro enquanto tentava conter o soluço. Embora baixo, o silêncio a permitiu ouvir o “eu te amo”, bem como o “boa noite” de sua irmã. Mas o rancor e o orgulho não a deixaram responder a nenhuma das duas saudações. Que se lembrava, tinha sido a primeira vez que não retribuiu tais carinhosos votos. Permaneceu reclusa no silêncio de sua cama, enquanto aguardou até que o sono lhe roubasse a consciência. Até que adormecesse enfim.

Capítulo 2

Os intensos raios de sol atravessavam a leve cortina estampada da janela de Anarina, quando o ruidoso rádio de comunicação, também conhecido como *walkie-talkie*, acordou. A voz de um menino ressoava em meio à estática:

– Ei! Ana! Você tá aí, câmbio? – Ainda sonolenta a garota reconheceu a voz de Filipe Valadares, seu melhor amigo. Sem se levantar da cama ergueu sonolenta o braço e apanhou o rádio, pressionando o botão e respondendo com certa rouquidão:

– Fil? Você não estava de castigo? Câmbio.

– Meu velho me deixou sair por bom comportamento. Choco tá comigo. Estamos aqui na praça e temos uma surpresa pra você! – Atiçou Filipe.

– Oi, Pimenta! Temos uma nova aventura, câmbio! - Mesmo que não reconhecesse a voz, Anarina sabia quem estava falando agora. Sempre apelidando a todos, era o único a chamar Anarina daquela forma. Por isso a garota logo percebeu que Choco havia pegado o rádio das mãos de Filipe.

– Oi, Choco. Perdeu seu rádio de novo? Câmbio.

– Tá sem pilha, pra variar. Mas chega de conversa, Pimentinha! Vem logo pra cá ou a gente vai sem você, câmbio final.

Enquanto se aprontava para sair Anarina riu imaginando Filipe discutindo mais uma vez com Choco para que o garoto usasse a expressão “câmbio desligo”.

Anarina sempre foi curiosa por natureza. Uma característica que, vez por outra, a arrebatava para grandes aventuras. Em pouco menos de trinta minutos, que para os dois garotos pareceu uma eternidade, a garota chegou montada em sua bicicleta branca e lilás, com uma cestinha pendurada na frente. A calça jeans desbotada era sujamente adornada com os respingos de lama, graças ao pedalar pelas ruas barrentas. A camiseta branca carregava ao peito a estampa da logo dos Rolling Stones, parcialmente coberto pela jaqueta vermelha de couro batido.

A praça do Embaixador situava-se no centro do lado oeste da cidade; A parte pobre da cidade que era dividida pela estrada principal. O lado leste era a área nobre, ocupada pelos mais influentes. Era onde passava o rio Iberê e onde situava-se a prefeitura, lar de Filipe Valadares e seu pai, o prefeito.

Repleta de brinquedos para as crianças, a praça estava sempre cheia, em especial nessas épocas de férias escolares. No centro da praça circular erguia-se o busto do embaixador da cidade. A praça era cercada de árvores e era justamente onde Filipe e Choco aguardavam a chegada da sua amiga. Ao se aproximar

ela pôde ouvir a conversa dos dois e mal conseguiu acreditar que a discussão tenha durado tanto tempo.

– Eu sei que “câmbio, final” também é correto, Choco. Mas já perdi a conta de quantas vezes te expliquei que “câmbio, desligo” é uma diferenciação da nossa comunicação.

Como uma forma de encerrar aquele assunto e ao mesmo tempo anunciar sua chegada, Anarina tocou o sino de sua bicicleta, chamando a atenção dos dois.

– Caramba, Pimenta! Até que enfim! A gente tá te esperando há horas! – Ergueu-se Choco, com as duas mãos na cintura e sacudindo a cabeça numa negativa.

– Vinte e oito minutos, pra ser exato – contrariou Filipe, emendando em seguida: – O que não significa ter sido curta a espera.

– Tive uns problemas ontem e não acordei muito bem – desculpou-se Anarina. – Mas a “nova aventura” foi o suficiente pra me tirar da cama. Qual foi dessa vez?

– Você não vai acreditar! – bradou Choco com um largo sorriso, arrastando um suspense enquanto os próprios olhos brilhavam.

– Um circo chegou à cidade – cortou Filipe sem fazer cerimônias, para o desgosto de Choco que pretendia estender ainda mais o suspense.

– Mentira! Na nossa cidade? Um circo de verdade? Não acredito! – Os olhos de Anarina arregalaram-se, fazendo o azul celeste se tornar ainda mais vivo. Os lábios envergaram-se largamente num sorriso incontido.

– Eu disse que você não ia acreditar – comentou Choco ainda um tanto desanimado com a frustração de sua interrompida surpresa.

– Ouvi meu pai falando ao telefone hoje pela manhã. Ele confirmou a chegada do circo nesta madrugada – Filipe gesticulava de forma abrangente enquanto falava.

– E o que estamos esperando?!? Vamos lá! – Interrompeu Anarina, já subindo novamente em sua bicicleta. Os meninos fizeram o mesmo e Filipe tomou a frente, guiando o grupo.

Com sua pele clara, quase reluzente durante os dias de sol, Filipe tinha um ar “nerd”, reforçado por seu par de óculos de armação preta e arredondada que vivia a cair sobre a ponta do nariz e o cabelo escuro sempre perfeitamente penteado. Em conjunto com sua roupa extremamente arrumada e formal, sua aparência não negava suas origens oriundas do lado nobre. O que alguns não sabiam, e ele não fazia questão de evidenciar, era sua ascendência. Vindo de uma longa linhagem de governadores da cidade – onde o título ainda era passado entre as gerações – Filipe era o único filho do governador Juscelino Valadares. Seu pai sequer imaginava que o filho passava os dias explorando o outro lado da cidade enquanto deveria estar cursando aulas particulares de esgrima ou qualquer outra matéria aplicada para que o garoto ocupasse seus dias durante as férias. Mas ao invés disso lá estava ele, mais uma vez envolvido em alguma aventura com seus amigos pobres.

Choco era o apelido de Caio Santos Jr, o mais novo do grupo, também com seus quatorze anos de idade. Caio era filho do habilidoso fotógrafo do Jornal de Ouro, o Sr. Caio Santos.

Piadista incorrigível, vivia aprontando peças ou caçoando de tudo e de todos. Pedalava avidamente sua bicicleta azul metálica para compensar a desvantagem que sua baixa estatura e seu corpo franzino lhe proporcionavam. De pele negra e cabelo batido, seu largo e constante sorriso era sua marca registrada.

Em alguns minutos os três chegaram às margens da cidade; um vale interrompido por um barranco. Uma descida íngreme onde o vale continuava depressão abaixo, até uma enorme clareira. De cima podiam ver à distância um cenário vislumbrado apenas em seus mais espetaculares sonhos infantis: em destaque um grandioso vagão de uma Maria Fumaça, uma locomotiva a vapor imensa com sua chaminé projetada que impressionou os garotos. Vermelha e amarela, a enorme máquina mantinha-se parada, como um gigante férreo adormecido em meio às diversas lonas listradas de um vermelho e branco, que começavam a ser estendidas, sibilando no ar. Completando aquele deslumbrante cenário, alguns homens batiam estacas que dariam suporte às lonas ainda aguardando serem armadas. Aquele circo era muito maior do que imaginaram.

– Vamos descer? – Perguntou Filipe a esmo, sem tirar os olhos do cenário em movimento abaixo deles.

– Tá maluco? – Respondeu Choco não menos hipnotizado com as listras dançantes daquelas lonas. – Se meu pai me pegar eu vou levar uma surra tão grande que vou ficar duas semanas sem conseguir sentar! É melhor a gente voltar, certo, Pimenta? Pimenta!?

Viram nesse momento apenas a bicicleta ao chão e a garota já se precipitando barranco abaixo, rumo ao espetáculo ainda por se erguer. Ela precisava ver aquilo tudo mais de perto.

Anarina sempre imaginou uma vida além daquela cidade ridiculamente pequena e monótona. Passava horas lendo os tantos romances de Agatha Christie e Arthur Conan Doyle, sonhando com um mundo imenso, de mistérios e aventuras, fora daquela prisão sem muros. Aguardava ansiosa seus dezoito anos e a liberdade que teria para fugir. Fugir para o mais longe que pudesse e então viver suas próprias fantásticas histórias, muito além daquelas brincadeiras de criança de Ouro Fundo. E de repente, bem diante dela, estava algo tão grande quanto seu sonho: a possibilidade de tocar o desconhecido e descobrir uma parte do mundo até então apenas lido ou sonhado.

– Espera, Filipe. Você não tá pensando em...

Os protestos conservadores de Caio não foram suficientes para segurar o jovem que com um sorriso maroto e um breve aceno tinha deslizado em seguida atrás de sua amiga.

– Mas será que eu sou o único responsável aqui? Vocês vão se meter em encrenca, estão ouvindo?! E eu... – Gritou Choco enquanto os dois prosseguiam para em seguida menear a cabeça negativamente e segui-los barranco abaixo. – Eu vou me lascar.

Já no sopé do morro eles se viam há poucos metros do acampamento circense.

– Meu pai vai me matar – sussurrou Choco ao alcançar os dois.

– Você é um medroso, sabia? – Rebateu Filipe, também sussurrando.

– Não é o seu bumbum branco que vai ser espalmado essa noite!

Logo os homens que antes armavam as lonas deixaram seu trabalho e caminharam para dentro do trem. Ao ver o local

vazio Anarina, que estava um pouco à frente, virou-se para os dois com um sorriso matreiro.

– Que sorriso foi esse? – Questionou Choco, puxando a blusa de Filipe e apontando para a amiga. – Desfaz esse sorriso agora! Ele nunca é um bom sinal!

Ele ainda falava quando Anarina precipitou-se numa carreira, cruzando o longo caminho até entrar na única lona montada.

– Ai, meu Deus! Eu falei! Eu falei do sorriso, não falei?! Eu já posso até sentir as palmadas! – Resmungava choroso Choco, amassando a blusa de Filipe entre as mãos.

– Relaxa, Choco – Libertou-se do garoto em chique e o segurou pelos ombros, sacudindo-o. – O que é uma ferida para um leproso? Agora que já estamos aqui, vamos cair de cabeça! – E correu arrastando o amigo pelo mesmo trajeto feito por Anarina.

– Vocês podem fazer silêncio?! – Repreendeu Anarina assim que os dois chegaram.

– É o Choco que tá se borrando todo, pra variar – desculpou-se, Filipe.

Antes que Choco pudesse se desculpar Anarina fez um gesto de silêncio levando o indicador aos próprios lábios. – Eu acho que vi algo...

Os garotos começaram a se esgueirar para dentro da lona, observando seu interior que aos poucos se revelava. Diferente do lado de fora, a parte interna era escura, proporcionando uma visão limitada de diversas ferramentas e caixas espalhadas por todo o lugar. Mas o que lhes chamou a atenção foram os enormes cilindros ao centro. Três tubos de vidro com al-

gum líquido borbulhante em seu interior. Um deles, porém, parecia conter algo a mais. Os garotos se aproximaram lentamente, quase tateando em meio ao breu. Colados um ao outro caminharam passo a passo, como que atraídos por aqueles estranhos cilindros. À medida que se aproximaram foi se desenhando cada vez mais evidente uma forma humana no interior do tubo, mergulhada num líquido esverdeado e viscoso. Seus pequenos olhos estavam arregalados e a respiração ofegante, enquanto apenas o som dos seus corações era ouvido. Eles circundaram o tubo com o olhar fixo, procurando o rosto daquela forma humana que mal podia ser vista diante da penumbra cujo único feixe de luz cruzava uma pequena fenda na lona, bem acima deles.

– Que raios é isso? – Sussurrou Filipe.

– Parece... uma criança – respondeu em tom baixo Anarina, assim que pode vislumbrar o rosto da forma imóvel diante deles. De fato, apesar da escuridão, podiam ver a forma do corpo pequeno, com seus braços e pernas, o tronco aparentemente nu e a cabeça baixa com cabelos esvoaçados boiando pelo líquido. Os olhos fechados, mais parecia um manequim sem vida.

– Eu acho que é um boneco – raciocinou Filipe olhando fixamente para o rosto imóvel.

– Eu já vi o rosto dele em algum lugar... – Sussurrou Choco, sem muito se aproximar.

Anarina, que estava mais próxima, estendeu a mão tocando no vidro e então, repentinamente, o ser teve um brusco espasmo, erguendo a cabeça e abrindo os olhos arregalados, en-

carando diretamente a garota. Um arrepio percorreu a espinha da jovem, fazendo seu corpo tremer. Um grito agudo se despreendeu dos pulmões de Choco, sendo acompanhado pelo grito dos outros, que correram o mais rápido que puderam para o caminho do qual vieram. Enquanto subia Anarina olhou para trás e pôde ver alguns dos homens saindo do trem e olhando para os garotos que a esta altura já estavam perto de suas bicicletas. Tão rapidamente quanto subiram, os três pedalarão por todo o trajeto de volta, chegando à cidade ofegantes e trêmulos. Pararam diante do mesmo parque onde haviam se encontrado.

– Vocês viram aquilo?! – Berrou Choco. – Viram aquilo?! Caramba! Era um alienígena! Com certeza era um alien!

– Não viaja, Choco – retrucou Filipe, ajeitando os óculos e ainda recuperando o fôlego. – Provavelmente era um boneco com algum sistema de controle tátil para o espetáculo. Algo assim.

– Boneco, que nada! Aquilo era um alien, com certeza! Ou um monstro meio homem, meio peixe. Um experimento científico.

– Ah! Você precisa parar de ler gibis, Choco – riu Filipe, já recuperado. Voltou-se então para Anarina que permanecia com o olhar distante, repensando sobre o que acabaram de presenciar – O que você acha, Ana?

Ainda pensativa, a garota virou-se para eles: – Hum... Você disse que achou o rosto dele familiar, não foi Choco? Consegue se lembrar de quem ele parecia?

Choco cerrou os olhos e tentando forçar a memória: – Não... Eu não me lembro.

- Seja o que for é algo muito estranho – concluiu Anarina.
- Parece que temos um caso para investigar, meus amigos!
- Eu vou ter é um cinto pra enfrentar se não chegar em casa para o almoço – retribuiu Choco montando novamente em sua bicicleta.
- Eu também preciso ir – Filipe preparou-se para pedalar. – A aula de piano, em que eu teoricamente estou matriculado, tá prestes a terminar.
- Tudo bem – respondeu Anarina. – Mas fiquem perto dos seus rádios. Parece que finalmente um grande mistério está batendo às nossas portas. E eu estou doida pra abrir!